

A volta por cima dos invasores

22 FEV 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Eles desafiam a fiscalização e erguem novos barracos no mesmo local do qual tinham sido expulsos minutos antes

Philio Terzakis
Da equipe do Correio

O Governo do Distrito Federal precisa rever suas estratégias para combater invasões de área pública. É que elas nem sempre funcionam. Depois de passarem por várias retiradas, os invasores acabam *se profissionalizando*. Experiências, aprendem a resistir às expulsões. Ousados, desafiam o governo. Persistentes, conseguem se prender à terra.

Foi o que aconteceu em Brazlândia. Em menos de um mês, depois de duas retiradas, quinhentos invasores aprenderam a driblar a administração da cidade, o Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) e a Polícia Militar. Minutos depois da terceira retirada, realizada ontem, voltaram a construir seus barracos.

Na primeira invasão, iniciada uma semana antes do carnaval, eles ocuparam uma área vizinha ao Departamento de Estradas de Rodagem (DER). Cinco dias depois, fiscais do governo derrubaram as barracas de lona de plástico e tomaram o material. Os invasores voltaram ao terreno. Há uma semana, foram novamente expulsos e perderam de novo lonas, telhas e madeirite.

A terceira invasão foi diferente.

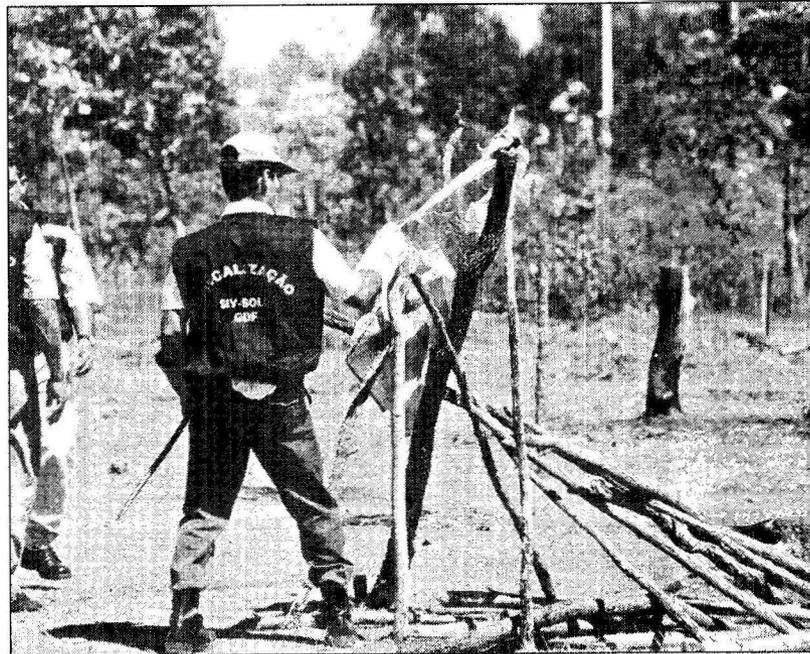
Eles escolheram outra área, por trás da Invasão de Brazlândia — iniciada em 1994 e parcialmente regularizada. Dessa vez, a retirada organizada pela administração não os pegou de surpresa. Avisados com antecedência, desmontaram as barracas e guardaram todo o material antes da chegada dos fiscais. Só foram derrubadas 120 tendas.

APRENDIZADO

“Agora, a gente aprendeu. Não dá para gastar R\$ 5 por dia comprando lona”, argumentou a dona de casa Aparecida Correia Cortes, 25 anos. Ela faz parte da comissão de seis pessoas escolhida pelos ocupantes para negociar com o governo. “Podem tirar. A gente monta de novo”, avisou o desempregado Valdemir Barros Magalhães, 24 anos, outro membro da comissão.

Os invasores nem esperaram os mais de 50 policiais militares deixarem a área. Minutos depois da passagem dos fiscais, lá estavam eles construindo as barracas novamente. “A gente não vai desistir”, advertiu o carroceiro Dídimo da Silva, 27 anos, enquanto montava os pedaços de madeira que serviriam de suporte para a lona de plástico.

A maior parte dos invasores é de moradores de Brazlândia. Eles argumentam que não podem mais pagar aluguel. “Por enquanto eu moro na



Fiscal põe um dos barracos abaixo: trabalho perdido e drible dos invasores

quadra 5. Mas vou ser despejada porque este mês ainda nem paguei os R\$ 150 que devia”, afirma Aparecida. “Recebo R\$ 366 por mês e pago R\$ 200 de aluguel. Assim, não dá”, reclama a desempregada Maria Clotilde de Lucena Loiola.

DERRUBADAS

Na verdade, a maioria deles não mora na invasão. Cada ocupante passa o dia tomando conta de seu lote e depois volta para casa. Quando surge a ameaça de uma refirada, recolhem todo o material e o escondem. Quem não mora em Brazlândia, deixa a madeira e a lona com algum vizinho. Depois que o perigo passa, retorna para a área.

Para evitar a permanência dos

ocupantes, Jamil Francisco dos Santos pretende construir uma guarita nas proximidades do terreno. No local, dois policiais militares e dois fiscais alertariam o governo a cada tentativa de invasão. “Um assentamento na área pode prejudicar a água da Barragem do Capão da Onça, que abastece Brazlândia”, explica.

Esta semana, o Siv-Solo derrubou 226 barracas em Sobradinho, Brazlândia e São Sebastião. Mais retiradas estão previstas para a próxima semana. Apesar da ação dos fiscais, em todo o Distrito Federal, os pontos de ocupação se multiplicam. Em toda parte, a palavra de ordem é resistência. “Eu não sou invasor. Sou brasileiro”, raciocina Valdemir.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

DECISÃO QUE VEM TARDE

Hoje, 60 mil pessoas aguardam sua vez na lista do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab). Para os próximos quatro anos, a previsão do governo é de que mais 60 mil famílias (60% delas de baixa renda) demandem habitação.

Os sem-teto representam parte da população das invasões. O restante são especuladores. Por dinheiro ou por moradia, a busca dessas pessoas é desenfreada. Com o tempo, elas perdem o medo da polícia e aprendem a driblar as tentativas do governo de conter o crescimento das invasões.

Não é para menos. A solução vem em gotas. Este ano, o Idhab pretende apresentar apenas 12 mil soluções habitacionais para famílias de baixa renda. Enquanto isso, as invasões se multiplicam. O governo não consegue evitá-las. Só quando os barracos estão construídos, tenta arrancar as pessoas do local. Tarde demais. (P.T.)